



## O professor Universitário como um Educador: as contribuições de Paulo Freire 1950/1960

Este trabalho assinala as contribuições de Paulo Freire (1921 – 1997) como intelectual engajado nos debates e nas mobilizações educacionais dos anos 1950-60. O objetivo é compreender os agenciamentos estabelecidos com a educação e com a cultura como foco dos projetos político-sociais no Brasil e, sobretudo, no Nordeste nas vésperas do golpe civil militar de 1964. Para isto, entende-se que o desenvolvimento do sistema Paulo Freire de educação se deu no quadro de acirramento dos conflitos políticos e sociais que marcaram o Brasil do período. Sua pedagogia crítica participa, pois, do acúmulo de debates iniciado pela educação nova, da consolidação dos movimentos de educação e cultura popular e da criação do Serviço de Extensão Cultural da Universidade do Recife (SEC/UR), este último inaugurando um pioneiro projeto de universidade popular. Serão analisados, deste modo, os objetivos, as concepções e as práticas que estruturam uma educação que se propunha como prática da liberdade. Serão igualmente sublinhadas as relações intelectuais e institucionais estabelecidas pelo atual Patrono da Educação Brasileira, as redes de sociabilidades que constituiu, assim como o papel que atribuiu ao intelectual e à universidade brasileira.

**PALAVRA CHAVE:** Recife; Paulo Freire; educação popular; cultura popular;

O intermezzo do século XX foi decisivo para o desenvolvimento das configurações atuais do campo cultural e educacional Brasileiro. A terceira república (1946- 1964) situa-se entre os regimes autoritários do Estado Novo (1937-1945) e do regime civil militar de 1964 e ficou marcada pela emergência das classes populares na disputa política, assim como pelo fortalecimento dos movimentos socioculturais urbanos. Neste curto intervalo a expansão da universidade brasileira, a modernização das cidades e da produção, o fortalecimento da luta sindical e dos movimentos

socioculturais e a emergência dos movimentos de cultura e educação popular são indícios da pluralidade e da intensidade do período. A formação do sistema Paulo Freire de educação se deu no presente quadro. Este artigo visa, pois, situar as configurações listadas a partir do caso do Recife, realçando os agenciamentos e as disposições que condicionaram a emergência desta pedagogia crítica.

A documentação primária selecionada aponta para a juventude de Paulo Freire como educador no Recife dos anos 1950-60: Serviço Social da Indústria (SESI), Escola de Serviço Social, Universidade do Recife (atual Universidade Federal de Pernambuco-UFPE), Movimento de Cultura Popular (MCP) e Serviço de Extensão Cultural da Universidade do Recife (SEC/UR). Parte dos estudos sobre o Recife dos anos 1950-60 encontra-se reunido na dissertação de mestrado, *Sociabilidades letradas no Recife: a revista Estudos Universitários (1962-1964)*, defendida pelo autor no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco, em 2010 (PPGH/UFPE). Bem como no Dossiê da *Estudos Universitários*, revista de cultura da UFPE (2012), publicado por ocasião de seu cinquentenário.

A problemática situa-se no campo da história cultural, não obstante, dialogue com a história social, com a história da educação e com a história intelectual. Os conceitos de rizoma, de mapa e de agenciamentos de Gilles Deleuze e de Felix Guattari fundamentaram teoricamente o corpo conceitual do trabalho (1992; 1995; 1997). Nesta perspectiva rizomática da história, a formação da pedagogia freireana será estudada a partir das multiplicidades das relações e das linhas de forças que cortam, condicionam e desviam o campo de imanência do Recife. Por mapa ou cartografia entende-se o desenho das conexões de desejo e de poder que produzem o acontecimento abordado. Mapear é neste caso considerar a variedade de processos que constituem o sistema Paulo Freire, assim, desconstruindo-o enquanto monumento dado. O conceito de acontecimento sugere o fenômeno de desterritorialização e reterritorialização (des-territorialização) mediante o qual o território se ressignifica suscitando novas relações de corpos e de signos. As conexões chamadas de agenciamentos maquínicos são apreciadas a partir do universo das práticas e das enunciações coletivas. Estas operam por corte, estratificação, fuga e suas formalizações instituem reciprocamente os regimes corpóreos

e semióticos de um determinado território. Estes regimes monopolizam o conjunto de práticas e de significações legítimas, assim sobrecodificando os fluxos de acordo com suas forças hegemônicas. É dentro da margem de elasticidade e de fuga destes regimes corpóreos e semióticos que o mundo se transforma e se revoluciona produzindo novos devires para os quais nunca houve nem haverá fins da história. São as linhas de fuga que possibilitam a construção de devires revolucionários tais quais aqueles experimentados pela educação popular nos anos 1960.

No dia 2 de abril de 1963, o conjunto de práticas e de reflexões educacionais desenvolvidas pelo professor Paulo Freire e pela sua equipe do SEC/UR ganhou o mundo. Na ocasião celebrava-se o sucesso dos círculos de cultura cuja experiência em Angicos - semi-árido do Rio Grande do Norte - alfabetizou e conscientizou cerca de 300 moradores (CORTEZ, 2008. FERNADES e TERRA, 1994. PAIVA, 1987). Além do Presidente João Goulart, estavam na solenidade comunitários, parlamentares, ministros, militares, políticos, líderes religiosos, jornalistas, agentes internacionais (sobretudo norte americanos da “Aliança para o Progresso”), educadores, estudantes, dentre outros.

Em seu discurso Paulo Freire afirmava (FREIRE, 1963, p.1):

dirigimos nossas palavras, tentando numa síntese, fundamentar o Sistema de Educação em que está contido o método eclético, com que estamos conseguindo, quase resultados mágicos, mas que, na verdade, não são mágicos, porque fundamentados em princípios de ordem científica, filosófica. Esta satisfação resulta sobretudo de que este trabalho feito em Angicos, feito em Natal, feito em João Pessoa, feito em Recife, é um trabalho que traz a este sertão do Rio Grande do Norte, a Universidade do Recife. A Universidade do Recife, consciente da sua tarefa a cumprir, renuncia ao saber exotérico e alienado que caracteriza ainda a universidade brasileira.

A ênfase nas virtualidades da universidade e nas práticas culturais próprias ao círculo de cultura são elementos incisivos para entender a formação do sistema Paulo Freire. Através do círculo de cultura, elementos da escola tradicional eram des-territorializados, de modo que salas de aulas, quadros, cartilhas, professores, alunos, acessavam linhas de fugas que se traduziam em pesquisas do universo vocabular, palavras geradoras, temas problemas, coordenadores de debates, participantes de grupos, etc (FREIRE, 1967).

A escola sem muros de Paulo Freire brotara alguns anos antes, durante as suas vivências pedagógicas nos subúrbios do Recife: Casa Amarela, Jaboatão, Várzea, Poço da Panela. As linhas traçadas pelos passos do educador oscilavam entre o humil do subúrbio e o erudito da universidade. A relação entre educação popular & magistério superior são traços importantes para compreender as relações de forças que atravessaram a formação do sistema Paulo Freire. Neste sentido, afirma em “Professor Universitário como Educador” (FREIRE, 1962, p. 47): “o educador lúcido, responsável e humilde [...] estão a exigir da Universidade uma crescente e corajosa abertura [...] para que preocupando-se real e verdadeiramente com o universal, não sinta em contradição ao se preocupar com o local regional.”

Ademais, os movimentos sociais desenvolveram no início dos anos sessenta o conceito de *cultura e de educação popular* como arranjo maquínico com fins de contestação social a partir de formas de expressão populares. O Movimento de Cultura Popular (MCP) criado no Recife em maio de 1960 foi o pioneiro da ampla mobilização política que redefiniu as campanhas de alfabetização e de defesa da cultura popular (foram criados MCPs entre 1962-63 na Amazônia, no Rio de Janeiro e em São Paulo). Doravante vieram novos grupos e campanhas como: “De pé no chão também se aprende a ler” no Rio Grande do Norte (1961); o MEB – Movimento de Educação de Base da Conferência Nacional de Bispos do Brasil (1961); CPC – Centro Popular de Cultura da UNE - União Nacional dos Estudantes (1961); Serviço de Extensão Cultural da Universidade do Recife (1962); a CEPLAR – Campanha de Educação Popular da Paraíba (1962). Entre 1962/63, foram igualmente criados: Secretaria de Cultura Popular e Associação dos Favelados (Minas Gerais), Instituto de cultura popular (Goiás);



Departamento de arte popular (Pará); Comissão Estadual de Cultura Popular (São Paulo); Secretaria de cultura popular (Rio Grande do Sul).

Embora não possuíssem coesão teórica e prática sobre o que entendiam por cultura e por educação popular, a grande maioria destes grupos desenvolveram concepções combativas destas, inserindo-se no quadro de mobilização político-social que marcou o Brasil da metade do século XX. Entre outubro de 1963 e abril de 1964, o Governo Federal buscou unificar estas ações através da Comissão Nacional e Regional de Cultura Popular, do Plano Nacional de Alfabetização e da Comissão Nacional de Alfabetização. Estes órgãos e programas não vigoraram após o golpe.

No Recife e outras capitais do Nordeste o público alvo da mobilização educacional eram os mocambeiros. Ao longo de todo século XX trabalhadores e outros segmentos populares levantaram os famigerados mocambos – palafitas e choupanas construídas sobre os mangues e os morros da região. Era nesta paisagem que os educadores populares encontravam seu território de atuação. O desenho geográfico do Recife segmentou e acomodou suas classes sociais de acordo com a escassez de terras não alagadas e planas. Se de fato em meados dos anos 1950 quase 1/6 da população da cidade não possuía ocupação alguma, seus moradores habitavam os quase 70 mil mocambos catalogados pelo Serviço Social Contra o Mocambo (TEIXEIRA, 2007; PONTUAL, 2001). Estas moradias populares representavam mais de 50% do total de imóveis da cidade. Os mocambos eram considerados um problema de higiene e de saúde pública, cabendo a Liga Social Contra o Mocambo (criada em 1930) demoli-los e oferecer moradias “sadias” à população. Presentes na paisagem urbana desde o início do século XX, os mocambos eram, pois, a cara do Recife.

Ao criar seu sistema de educação, Paulo Freire buscou amarrar os conteúdos da educação básica aos desafios políticos destes moradores de mocambos e da comunidade universitária na qual trabalhava. De fato, as atividades de pesquisa, de ensino e de extensão de Freire, enquanto professor e técnico administrativo da Universidade do Recife, sempre estiveram ligados aos seus trabalhos no campo da educação popular. Por exemplo, o trabalho de alfabetização e conscientização iniciava com a pesquisa do universo vocabular e das palavras geradoras. A pesquisa visava levantar “os vocábulos

mais carregados de sentido existencial [...] de maior conteúdo emocional [...] ligados à experiência dos grupos” (FREIRE, 1967, p. 111). Preocupação cheia de similitudes com aquela que norteava sua reflexão sobre “o professor universitário como educador” (1962, p 47): “as universidades brasileiras cumprirão sua fundamental missão na medida em que seu professores nos integremos às novas condições do país”. Assim pode introduzir no âmbito dos movimentos de educação e de cultura popular a valorização dos saberes prévios dos educandos e de sua constituição micro-política. Além disso, sua proposta didática de “dialogação” experimentava uma forma de relação não hierarquizada entre a cultura escolar e a cultura popular, entre educador e educando, ao mesmo tempo em que criticava a tradição universitária de aula magistral que se caracterizava pela transmissão de conhecimentos antidialógica e desprovida de método.

Olhando a biografia do educador percebe-se que Freire nasceu e viveu seus anos de mocidade em Casa Amarela. O bairro se formou a partir dos fluxos das classes populares que subiram o morro para construir suas saudosas malocas. Ora, se estas paisagens fazem parte da tessitura urbana do Recife e dos seus arredores nos anos 1950-60, ao tomar o sistema Paulo Freire como mapa de uma época percebe-se sua relação com as periferias e seus protagonistas históricos. Menos do que teorias de desenvolvimento nacional, existencialismos e outros tantos “ismos”, a pedagogia anfíbia (*arte pedagógica* & política) de Freire está agenciada maquinicamente à lama e às pontes que ligam as escolas, os movimentos sociais do Recife e os seus subúrbios. Freire sugere reflexões e práticas educacionais a partir de elementos que se apropria criticamente na universidade e na escola sem muros dos mocambeiros.

Sabe-se neste sentido que entre 1940-50 passou a fazer parte de “um setor de projetos no campo da assistência social do Serviço Social de Indústria” (SESI), mais tarde, assumindo a Divisão de Educação e Cultura (ROSAS, 2003). Foi no SESI que Paulo Freire desenvolveu pela primeira vez, tanto como gestor de projetos quanto como educador, experiências no campo da educação de adultos, executando ações junto aos trabalhadores da indústria local e dos mocambos de Casa Amarela. A experiência de formação no SESI é retomada da seguinte forma na Tese defendida na Escola de Belas Artes de Pernambuco da Universidade do Recife (FREIRE, 2003, p.14):

Nas idas e vindas de nossa experiência, retificamos afirmações livrescas. Ratificamos pontos de vistas. Foram anos de ‘convivência’ quase diária, e direta, com problemas educacionais e sociais, nunca vistos por nós como se fossem soltos ou desmembrados do tecido mais amplo de nossa contextura. Das condições faseológicas brasileiras e não apenas pernambucanas ou nordestinas, se bem que nunca tivéssemos esquecido essas imediatas condições. Sempre vistos, pelo contrário, inseridos nesta contextura e nestas condições faseológicas.

A partir de nossa ‘convivência’ com problemas educacionais e sociais pernambucanos e não só urbanamente recifenses, fomos alongando as nossas preocupações, ligadas a esses problemas, ao Nordeste e a outras áreas do País.

A “contextura” e a “convivência com problemas educacionais e sociais pernambucanos” fundamentaram reflexões e práticas nas quais as ditas “afirmações livrescas” dos manuais de educação ganharam a singularidade do que ficaria conhecido como sistema Paulo Freire de educação. Faz-se, igualmente significativo sublinhar sua atuação no campo universitário.

Freire iniciou a docência universitária na Escola de Serviço Social nos anos 1950. Foi na Escola de Serviço Social que conheceu futuros colaboradores, como Paulo Rosas, Almeri Bezerra e Anita Paes Barreto. Em 1956 foi convidado pelo prefeito Pelópidas Silveira para participar do Conselho Consultivo da Educação do Recife, sendo deslocado alguns anos mais tarde para funções semelhantes na Diretoria de Documentação e Cultura – DDC (FREIRE, 1996). Neste mesmo ano passou a trabalhar na Escola de Belas Artes de Pernambuco (EBAPE) como professor interino de História e Filosofia da Educação do curso de Desenho.

Na época, Freire estava aprofundando seus estudos sobre uma educação de jovens e adultos centrada na conscientização. Sua pesquisa contava com o apoio de algumas professoras alfabetizadoras e de outras ligadas ao magistério superior na EBAPE/UR. Em 1958, Paulo Freire, as professoras Elza Freire, Dulce Chacon, Judite



Ribeiro e o estudante José Augusto de Souza Peres seguiram para o Rio de Janeiro para apresentar um relatório produzido durante o seminário onde foram discutidos os encaminhamentos da divisão pernambucana para o II Congresso Nacional de Educação de Adultos e Adolescentes: “A educação de adultos e as populações marginais: o problema dos mocambos”. O grupo defendia no informe um processo de letramento no qual o alfabetizando surgia como sujeito produtor do aprendizado e de sua consciência política. A consciência do educando surgia, pois, como base para sua própria inclusão social, política, cultural e econômica. Por outro lado sublinhava o analfabetismo como um problema político e econômico da sociedade brasileira.

Ao longo dos anos 1950-60 Paulo Freire reafirmou a tese defendida no Rio de Janeiro em suas atividades de ensino, pesquisa e extensão, como se encontra registrado nas revistas da EBAPE, em sua Tese de Concurso para a Cadeira de História e Filosofia da Educação na EBAPE (1959) e ensaios publicados na revista Estudos Universitários (1962-63).

Suas experiências avançaram nos anos 1960 com a criação do Movimento de Cultura Popular (MCP). O grupo que reunia professores, intelectuais, artistas e estudante desenvolvia trabalhos sociais, educacionais e culturais com apoio da Prefeitura do Recife. O Movimento que agregava as esquerdas marxistas e não-marxistas se apropriou de expressões da cultura popular para desenvolver programas de alfabetização, de “elevação cultural” e de diálogo com o povo. As primeiras ações dos MCPs circularam em torno do Atelier Coletivo de Abelardo da Hora, que era membro do Partido Comunista Brasileiro (PCB), e das propostas de educação e cultura popular defendidas por católicos progressistas como Germano Coelho, Norma Porto e Anita Paes Barreto. Entre 1960-64 o MCP criou algumas centenas de escolas (com seus programas radiofônicos e suas cartilhas de alfabetização), ações de saúde pública, parques e praças de cultura, grupos de teatro, de música e de cinema, exposições coletivas e outros eventos em parceria com trabalhadores e desempregados do Recife.

Como diretor da Divisão de Pesquisa e da Coordenação do Projeto de Educação de Adultos do MCP, Paulo Freire deu prosseguimento aos seus trabalhos de alfabetização no Centro de Cultura Dona Olegarinha no Poço da Panela. Inicialmente



utilizou as tradicionais cartilhas e outros recursos didáticos produzidos pelo Movimento de Cultura Popular. Algumas técnicas e planos, como o círculo de cultura, já existiam na “prática”, mas apenas ganhariam forma de expressão científica e acadêmica de sistema - tal qual conjuntos de técnicas e procedimentos inter-relacionáveis urdidos por uma fundamentação pedagógica - com o trabalho de pesquisa realizado por Freire e seus interlocutores do SEC/UR. São justamente estas formas que permitiriam ao sistema ganhar corpo científico, angariando a institucionalização nacional em 1963, sob o Plano Nacional de Alfabetização.

Em 1962, Paulo Freire passou a coordenar o Serviço de Extensão Cultural da Universidade do Recife (SEC/UR). A criação do Serviço no mesmo ano relacionava-se às reivindicações estudantis por reforma universitária e pelos projetos de universidade popular esboçados por Paulo Freire e pelo reitor João Alfredo. A ideia inovadora de Paulo Freire e do reitor João Alfredo resultou na primeira experiência sistemática da extensão no Brasil. Neste sentido o SEC/UR foi a protoforma das atuais pró-reitorias de extensão.

O SEC/UR desdobrou-se entre as atividades da Rádio Universidade, da revista de cultura Estudos Universitários e do setor de educação cujo Programa de Universidade Popular ofereceu cursos para o público extra-universitário e desenvolveu pesquisas e ações vinculadas ao sistema Paulo Freire de Educação.

À frente do SEC/UR Paulo Freire deu prosseguimento às suas experiências educacionais no Centro de Cultura Dona Olegarinha. O Centro do MCP foi o laboratório onde se deram as primeiras vivências com o sistema Paulo Freire de Educação, tal qual um ano depois seria apresentado em Angicos (RN). Nesta época, o MCP já havia optado pelo “Livro de leitura para adultos”, elaborado por Josina Godoy e Norma Coelho. Um breve comunicado, da segunda metade de 1962, narra a etapa final desta primeira experiência desenvolvida em parceria com o MCP (Boletim de atividades do SEC, 1962, nº 3, p. 29):

Continua em andamento a experiência de alfabetização de adultos que vem sendo realizada pelo professor Paulo Freire no Movimento de Cultura Popular do Recife, auxiliado pelo universitário Carlos Augusto Nicéias e pela professora Elza Freire. O método, eclético, se enquadra entre os ‘metodos modernos’, de classificação do professor Willian Gray. A alfabetização vem sendo feita a partir da experiência existencial dos grupos, em função de seu universo vocabular, que é levantado na primeira fase do experimento. Trabalhados os vocábulos conhecidos, criam-se ‘situações’ que, plasticizadas, e incluindo gradativamente os vocábulos geradores, são apresentados aos alunos com a ajuda de projeções. A experiência, que será brevemente explanada em seus fundamentos e pormenores, está revelando resultados surpreendentes. Têm-se obtido leitura de textos simples e escrita de pequenos bilhetes, em trinta horas. A experiência prescinde de textos elaborados pelo professor, levando os alunos à redação dos mesmos.

O relato reforça a tese de que o sistema Paulo Freire de Educação ganhou forma a partir das experiências de ensino, pesquisa e extensão desenvolvidas pelo educador e sua equipe junto aos movimentos de educação e cultura popular, bem como ao movimento estudantil. Acredita-se neste sentido que o sistema não deve ser compreendido apenas como parte do processo evolutivo das idéias nacionais desenvolvimentistas, ou mesmo como parte exclusiva de uma experiência universitária monumental desenvolvida em Angicos. O sistema Paulo Freire enquanto contexto dos anos 1950-60 congrega as potências agenciadas maquinicamente pelos movimentos de educação e cultura popular e pelas linhas de fuga que se abrem do programa de Universidade Popular da Universidade do Recife. Não obstante, é igualmente importante considerar as fissuras abertas pelos movimentos sociais e políticos que tencionavam o final da segunda república.

No geral as movimentações culturais em que se insere o sistema Paulo Freire se caracterizam pela articulação da tradição intelectual às expressões mistas das classes

# XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH  
PARÁ

populares. Se no caso do MCP o cerne estava na expressão política que impunham a esta produção, no SEC/UR ou em grupos como no Teatro Popular do Nordeste (TPN – criado por Ariano Suassuna e Hermilo Borba Filho em 1960) sobressai-se, também, a pesquisa estética da cultura dos povos como horizonte de crítica e de renovação da cultura brasileira.

As experiências vivenciadas por Paulo Freire e sua equipe participam, portanto, de um quadro de renovação cultural e educacional sem o qual torna-se difícil compreender sua emergência. A pedagogia de Paulo Freire integrava, pois, um mosaico de vivências culturais que transformavam o Brasil. Esta efervescência se inicia com a crise do regime autoritário do Estado Novo (1937 – 1945) e se estende aos anos mais difíceis do Regime Militar (1964-1985). No caso de Paulo Freire é importante, também, considerar as contribuições da educação nova no Brasil cujo manifesto de 1932, tem sido apontado como limiar de renovação do campo educacional no qual despontam figuras como Anísio Teixeira e Fernando de Azevedo.

Ademais, o dinamismo cultural do Recife passava pelas rádios da cidade – rádio Tamandaré, rádio *Jornal do Commercio*– desaguando na Rádio Universidade do SEC/UR e seus programas de alfabetização e educação (Seu slogan era: “Uma rádio a serviço da democratização da cultura” e seu responsável o gráfico amador José Laurenio). Havia também as peças do teatro amador e dos estudantes, como também do Teatro Popular do Nordeste e do Movimento de Cultura Popular. Das experiências de renovação da dramaturgia emerge no início dos anos 1970, as primeiras técnicas do teatro do oprimido de Augusto Boal. As publicações independentes do Gráfico Amador fascinavam os leitores recifenses com seus livros que eram verdadeiras obras de arte. Doravante o designer e pesquisador Orlando da Costa Ferreira passaria a assinar a arte da Estudos Universitários, revista de cultura da UR, criada durante a gestão de Paulo Freire e do reitor João Alfredo. Há, além disto, o movimento de cinema, dos cineclubes e dos cronistas que se apropriam da linguagem cinematográfica para tentar filmar as angústias do século XX (da Nouvelle Vague ao Cinema Novo). É importante lembrar as tomadas do filme engajado “Cabra Marcado para Morrer”, realizado pelo CPC e pelo MCP, mas também os slides desenvolvidos por Paulo Freire para os círculos de cultural.

As ruas eram assim tomadas pela crescente comunidade universitária e pelas mobilizações articuladas pelos sindicatos rurais e urbanos, bem como por todos estes movimentos socioculturais laicos e religiosos.

Este quadro ficaria incompleto se não se sublinhasse a importância dos grupos católicos vinculados a Ação Católica (AC), como, por exemplo, a Juventude Universitária Católica (JUC). Criada nos anos 1930, a AC foi assumindo uma postura progressista ao longo das décadas, coordenando diversos projetos sociais, educacionais e culturais, através de instituições seccionais subordinadas à sua política nacional cujo mote era “Ver-Julgar-Agir”.

Paulo Freire e seus colaboradores dos movimentos de cultura e educação popular foram bastante influenciados pela política cultural destes grupos. O próprio secretário de Paulo Freire no SEC/UR (com funções de diretor nas não raras ausências de Paulo Freire), Almeri Bezerra, era assessor eclesiástico da Juventude Universitária Católica (JUC) do Recife. Aliás, foram dissidentes da JUC que criaram a Ação Popular em 1962, movimento socialista de expressão nacional vinculados aos CPCs.

Estes são aspectos do campo cultural inseparáveis dos agenciamentos que atravessaram a formação da pedagogia freireana. É igualmente significativo para mapear o sistema educacional em questão acrescentar os traços que marcaram os embates políticos da época.

Situar o conjunto de idéias e de práticas do sistema Paulo Freire de educação no campo histórico do Recife e do Brasil da metade do século XX destacou o quadro de renovação cultural ambientado neste período. Aliás, a historiografia tradicionalmente destacou a força das disputas travadas no campo político e econômico subordinando o campo da cultura, dito ideológico, as novas dinâmicas daqueles. Para além das relações de subordinação dos campos se faz importante considerar os processos maquinicos que estavam redefinindo o campo político-econômico.

Neste sentido é preciso considerar o processo de modernização da produção fabril e rural, bem como as reformas urbanas dando o desenho atual do Brasil predominantemente urbano. Há neste sentido um relativo processo de substituição das importações a partir da produção local de bens de consumo, ao mesmo tempo em que se abre para o mercado internacional e se reforça as relações dependência internacional. As aulas radiofônicas e os slides utilizados pelo sistema Paulo Freire estão agenciadas a este processo de massificação de bens de consumo como o rádio e a televisão como se pode observar pelos vestígios presentes nesta manchete publicada no Jornal do Commercio em Junho de 1963 (p.14). A espetacularização do sistema através da chamada “A revolução do alfabeto tem só quarenta horas”, pinta a proposta pedagógica de contornos quase mágicos. A matéria encontra-se localizada logo acima de uma propaganda da nova televisão Phillips, na qual se lê: “E o espetáculo vai continuar com um plano espetacular para você”. Para além da coincidência, observa-se que num país nos quais analfabetos não podiam votar, o “plano espetacular” de alfabetização em quarenta horas significava a célere possibilidade de redefinir o processo eleitoral e o *status quo*. De fato, estes elementos foram decisivos para que civis e militares ocupassem a sede do SEC/UR e impelisse Paulo Freire para o exílio ainda no início do golpe.

Ademais, os processos de modernização econômica e urbana aceleraram a dependência e o endividamento externo, sobretudo, com a entrada do capital e das corporações internacionais no país. Por outro lado, há uma crescente apropriação da cultura estrangeira, com suas variações nas artes, na moda, na língua, na educação, etc, o que torna ainda mais compreensível as tensões culturais entre os defensores da cultura popular e os cosmopolitas.

No estudo “o contexto histórico de Pernambuco Pré-64” professores pesquisadores do Núcleo de Documentação sobre Movimentos Sociais da UFPE (NUDOC) descrevem a riqueza dos projetos políticos, sociais e culturais, a crescente organização das esquerdas e dos trabalhadores rurais e urbanos e suas contradições com o movimento antidemocrático e reacionário (MOMESSO e LIMA, 2012). Os pesquisadores abrem seu trabalho caminhando na linha do historiador Eric Hobsbawm

(1917-2012) que aborda a Era de Ouro (1947-1973) do Breve Século XX (1914-1991) no contexto da Guerra Fria (marcado pelo conflito entre socialistas e capitalistas), do Estado de Bem-Estar social Keynesiano, da formação do Terceiro Mundo, da Revolução Cubana, das independências afro-asiáticas. Para os pesquisadores a conjuntura polariza a sociedade brasileira entre aqueles que defendem o capital internacional, o latifúndio, o imperialismo e os que lutam pela participação, pelos direitos, pelas reformas de cunho popular.

A questão do terceiro mundo passava, decerto, pelos processos de descolonização vividos na África e na Ásia, pela luta latino americana contra o subdesenvolvimento e contra as ditaduras (Somoza na Nicarágua, Odria na Colômbia, Trujillo na República Dominicana e Baptista em Cuba). Na América Latina esta luta ficou igualmente marcada pelas propostas reformistas da Comissão Econômica para a América Latina (CEPAL), não obstante passasse, sobretudo, pela sintonia revolucionária de Cuba (1959). É neste contexto de reforma e revolução que as políticas de Estado no Brasil resultaram na criação da Petrobras (1953) e da SUDENE (1959).

No âmbito dos movimentos sociais foram enfatizadas neste artigo as ações dos católicos progressistas, dos movimentos de cultura e de educação popular, das ligas e dos sindicatos rurais, dos sindicatos urbanos, do movimento estudantil, dentre outras forças. No Recife esta configuração ganha um desenho próprio. Uma abordagem que passe pela história política da época não poderia desconsiderar o papel reivindicativo do Partido Comunista Brasileiro, sobretudo, numa cidade como Recife cuja história está marcada pelos intensos conflitos sociais e pela desigualdade social pujante. É neste contexto de exclusão social que se compreende a força eleitoral do PCB no Recife da primeira metade do século XX. Basta citar que até a ilegalidade da legenda em 1947, o PCB angariou o melhor *desempenho* eleitoral do Grande Recife. Mesmo na ilegalidade, membros do PCB participaram no final dos anos 1950, da criação da coligação de esquerda nomeada de “Frente do Recife”. A Frente elegeu sucessivamente dois prefeitos - Miguel Arraes (1959) e Pelópidas Silveira (1962) – e um governador - Miguel Arraes (1962). O governador Miguel Arraes e o prefeito Pelópidas Silveira foram depostos pelo golpe civil-militar de 1964. A criação do MCP em muito deve a gestão da “Frente do



Recife”, assim como a mobilização educacional que sacudiu Pernambuco nos anos 1960 e consagrou o educador Paulo Freire.

As lutas dos nascentes sindicatos rurais e dos trabalhadores do campo contaram nos anos 1950 com a aliança estabelecida com movimentos sociais e políticos das capitais. Neste sentido sublinha-se a atuação do advogado Francisco Julião que viria a ser deputado federal e do governador Miguel Arraes. A luta organizada dos trabalhadores rurais resultou na formação dos primeiros sindicatos rurais e na desapropriação do Engenho Galiléia, marco na história da luta pela terra no Brasil.

Alguns anos mais tarde os movimentos de educação e cultura popular, sobretudo o MEB da Igreja Católica, disputaram a influência no meio rural e nas ligas camponesas através das aulas radiofônicas e outros programas. Influenciadas pelo sistema Paulo Freire as aulas radiofônicas eram transmitidas em audições públicas para trabalhadores rurais de todo Nordeste. O Serviço de Extensão Cultural da Universidade do Recife (SEC/UR) e o MCP também promoveram programas educativos na recém criada Rádio Universidade, então sob a liderança do escritor José Laurenio.

Ainda sobre as Ligas Camponesas, é importante destacar o quanto a luta destes marcou profundamente cultura política da época. Este traço de expressão se inscreveu, sobretudo, através do medo cultivado pelas classes dirigentes e pela esperança dos setores de esquerda. Uma nota publicada no Jornal do Brasil por ocasião da greve dos estudantes da FDR em junho de 1961 nos dá um indício desta produção de medo nas vésperas do golpe. A nota segue conforme foi replicada por Ana Maria César: “Aqui, no Rio de Janeiro e em outras capitais, esperava-se a qualquer momento a notícia de que o deputado Francisco Julião, à frente das Ligas Camponesas, marcharia sobre a capital de Pernambuco e de que lá se instalaria o primeiro *soviète* do Nordeste” (in CÉSAR, 2009, p.109). O medo é um sentimento importante para caracterizar o período. Por outro lado a esperança que alimentou os movimentos de educação e cultura popular, sobretudo o sistema Paulo Freire, se configura, igualmente, como um espírito de época. As pessoas estavam divididas entre o medo e a esperança de mudança. A esperança se materializava nos programas e nos projetos de cultura e de educação popular articulados nas vésperas do golpe civil-militar. Qualquer mapa que busque recompor com alguma profundidade





o início dos anos 1960, não pode ignorar o medo e a esperança como sentimentos que marcaram a época.

Os fantasmas das grandes guerras, dos regimes autoritários, da guerra fria e das revoluções assombravam os sobrados do Recife, vivências inseparáveis da paisagem de fome, de violência policial, de desemprego, de marginalização (social e política), de analfabetismo, da mortalidade infantil, enfim, da exclusão social. Destas realidades traduzidas em esperança, os movimentos de educação e cultura popular produziram suas máquinas abstratas e concretas através das quais agenciaram suas contendas contra o que denominavam de subdesenvolvimento.

As concepções de educação do jovem Freire são comumente associadas à evolução do pensamento nacionalista e desenvolvimentista do ISEB, bem como do existencialismo e do cristianismo progressista. As transformações da história da ideias são de fato importantes para compreensão das bases sob a qual Paulo Freire organizou suas concepções e suas práticas educacionais, embora tenha se priorizado menos estas do que a cartografia histórica nas quais estas ganharam corpo.

Não são ideais e teorias de desenvolvimento que desabrocham em vivências renovadoras, mas experiências de renovação cultural e social junto às classes populares que pressupõe reciprocamente teorias nacionalistas e desenvolvimentistas acessíveis em seus fundamentos teóricos aos intelectuais engajados nos embates daqueles anos. Na encruzilhada do movimento de conscientização Paulo Freire e sua equipe debatem menos aquelas ideias do que se confrontam com os agentes, os grupos e as entidades que compunham uma ampla frente de mobilização educacional da época. Apenas em Pernambuco atuavam: JUC, MCP, MEB, CPCs, AP, dentre outros grupos. As relações que estabeleceram entre si e os canais através dos quais se conectaram aos problemas do dito subdesenvolvimento formam um mosaico em que os sujeitos históricos & os grupos sociais experimentam novas formas de apreciar, praticar e semiotizar, enfim produzir, a educação e a cultura no Brasil. É neste sentido que neste artigo buscou-se mapear menos as raízes intelectuais e suas evoluções teórico-ideológicas do que a



ambiência histórica do Recife e do Brasil nos anos 1950-60, assim, sublinhado as linhas de forças, os percursos e os agenciamentos maquínicos que permearam a formação da pedagogia freireana em meados do século XX.

## REFERÊNCIAS

AGUIAR, Roberto O. de. **Recife: da frente ao golpe**. Ideologias políticas em Pernambuco. Recife: UFPE, 1993.

**Boletim do Serviço de Extensão Cultural da Universidade do Recife**, nº 1,2,3,4,5-6; Recife, 1962-1964.

CESAR, Ana Maria. **A faculdade sitiada**. Recife: CEPE, 2009.

CORTEZ, Marcius. **O Golpe na Alma**. São Paulo: Pé-de-chinelo Editorial, 2008.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. **O que é a Filosofia?**. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

\_\_\_\_\_. **Mil Platôs - Capitalismo e Esquizofrenia**. vol. 1; Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

\_\_\_\_\_. **Mil Platôs - Capitalismo e Esquizofrenia**. vol. 2; Rio de Janeiro: Ed. 34, 1997.

FERNANDES, Calazans e TERRA, Antonia. **40 horas de esperança. O método Paulo Freire: política e pedagogia na experiência de Angicos**. São Paulo: Ática, 1994.

FREIRE, Paulo. O professor universitário como educador in **Estudos Universitários: Revista de Cultura da Universidade do Recife**. v. 1. Recife: Imprensa Universitária, 1962.

\_\_\_\_\_. Conscientização e alfabetização – uma nova visão do processo in **Estudos Universitários: Revista de Cultura da Universidade do Recife**. v. 4. Recife: Imprensa Universitária, 1962.



\_\_\_\_\_. **Discurso do professor Paulo Freire, em Angicos, ao encerramento do curso de alfabetização de adultos.** 1963. Disponível em: <http://www.acervo.paulofreire.org>. Consultado em: 15/03/2013 às 19:00.

\_\_\_\_\_. **Educação como prática da Liberdade.** Ed. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1967.

\_\_\_\_\_. **Educação e atualidade brasileira.** 3ª Ed. São Paulo: Cortez; Instituto Paulo Freire, 2003.

GADOTTI, Moacir. **Paulo Freire: uma biobibliografia.** São Paulo: Cortez/Instituto Paulo Freire, 1996.

MONTENEGRO, Antonio Torres. **História, metodologia, memória.** São Paulo: Contexto, 2010.

PAIVA, Vanilda Pereira. **Paulo Freire e o nacionalismo-desenvolvimentista.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

\_\_\_\_\_. **Educação popular e educação de adultos.** 4ª Ed. São Paulo: Loyola, 1987.

PONTUAL, Virgínia. **Uma cidade e dois prefeitos:** narrativas do Recife das décadas de 1930 a 1950. Recife: Ed. Universitária da UFPE.

ROSAS, Paulo. **Papéis avulsos sobre Paulo Freire, 1.** Recife: Centro Paulo Freire de – Estudos e Pesquisas: Ed. Universitária da UFPE, 2003.

SANTIAGO, Silviano. **O cosmopolitismo do Pobre:** crítica literária e crítica cultural. Belo Horizonte: UFMG, 2004.

TEIXEIRA, Flávio Weinstein. **O movimento e a linha:** presença do Teatro do Estudante e d'O Gráfico Amador no Recife (1946-1964). Recife: Ed. UFPE, 2007

\_\_\_\_\_. **Cultura e sociedade: variações em torno da modernidade artística** in ARAÚJO, Rita de Cássia e BARRETO, Túlio Velho Barreto. **1964: o golpe passado a limpo;** Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Massangana, 2007.

\_\_\_\_\_. Uma Geração interrompida. In **Estudos Universitários**: revista de cultura. V. 29; n. 10; Recife: UFPE, 2012.

VERAS, Dimas Brasileiro e MENDONÇA, Djanyse Barros de Arruda. Educação popular e reforma universitária: Paulo Freire e a criação do Serviço de Extensão Cultural da Universidade do Recife (1962-1964) In **Estudos Universitários**: revista de cultura da Universidade Federal de Pernambuco. v. 24/25, n. 5/6. Recife: UFPE, 2004/2009.

VERAS, Dimas Brasileiro. **Sociabilidade letradas no Recife**: a revista Estudos Universitários (1962-1964). Recife: UFPE (Dissertação de Mestrado – História), 2010.

VERAS, Dimas Brasileiro e Rebeca Santos de Amorim Guedes. A hora e a vez da Estudos Universitários in **Estudos Universitários**: revista de cultura. V. 29; n. 10; Recife: UFPE, 2012.

WEBER, Silke. A educação como foco de projetos político-sociais em Pernambuco in BARRETO, Túlio Velho e ARAÚJO, Rita de Cássia Barbosa (org.). **1964: O golpe passado a limpo**. Recife: Massangana, 2007.